

APRESENTAÇÃO

Respirando o ar de tempos sombrios, esse número traz um dossiê História das Doenças e das Artes de Cura, organizado pelas pesquisadoras da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, Profa. Dra. Tania Salgado Pimenta, e da doutoranda na mesma instituição, Barbara Barbosa dos Santos. A diversidade de abordagens, espaços geográficos e temporalidades, presente nos artigos, demonstra a consolidação do campo da história das doenças, das epidemias e práticas de curar. Mesclando artigos elaborados por pesquisadores consolidados no campo e outros em início da trajetória acadêmica, o dossiê apresenta, ainda, uma entrevista com Dilene Raimundo do Nascimento, professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Fiocruz, cuja trajetória muito contribuiu para a consolidação e expansão desse campo historiográfico.

Na seção de artigos de fluxo contínuo, temos a contribuição de Elizabeth Sousa Abrantes e Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus sobre as disputas de memória nas representações do movimento da Setembrada e de seus participantes na imprensa maranhense (1831-1832), realçando, no contexto da abdicação de D. Pedro I e o início da Era Regencial, as representações da imprensa maranhense sobre as lideranças dos jovens liberais da capital, São Luís. Nesse sentido, o artigo expõe, de modo instigante, os interesses diferenciados e as insatisfações tanto das camadas populares, como de frações da elite local.

Em seguida, os pesquisadores Erik Santos Passos, Cassiano Celestino de Jesus e Ítalo José Silva Santos se debruçam sobre o problema do método em René Descartes, a partir de sua principal obra, O discurso do método, basilar para a constituição da ciência moderna.

Já Humberto Junio Alves disserta sobre os confrontos de memória sobre a ditadura empresarial-militar no Brasil, a partir da série televisiva da Rede Globo, “Os Dias Eram Assim” (2017), em que futebol, ufanismo e repressão foram as representações destacadas pelo autor em sua análise, utilizando-se dos conceitos de “memória coletiva”, “lugar de memória” e “comunidade imaginada”.

Na seção de Resenhas, Vagner Silva Ramos Filho comenta, criticamente, o livro organizado por Ângela de Castro Gomes, *História oral e historiografia: questões sensíveis*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, evidenciando a importância da metodologia da história oral para lidar com questões sensíveis, como as memórias traumáticas da ditadura militar no Brasil, a questão do racismo, de gênero, dos refugiados e da história das doenças. Na verdade, essa obra serve de mapeamento parcial do uso dessa metodologia nas pesquisas acadêmicas, a partir dos anos 1980, consolidando-se com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), nos anos 1990.

Boa leitura!

Conselho Editorial